



Catolicismo Romano e a Livre Iniciativa: Algumas Aproximações

Andrei Roberto da Silva¹  0000-0001-5838-173X
Universidade Regional de Blumenau - FURB, Santa Catarina, Brasil

WOODS JR, Thomas E. **A Igreja e o Mercado: Uma defesa Católica da economia de livre mercado.** Campinas: Vide Editorial, 2019. 352p.

.....

O autor do livro Thomas E. Woods Jr. é um destacado historiador católico estadunidense e membro sênior do Instituto Ludwig von Mises. Formou-se na *Harvard University*, onde concluiu seu bacharelado e mestrado (M.Phil.) em História, já seu doutoramento (Ph.D.) obteve na *Columbia University*. Lecionou no departamento de História da *Suffolk County Community College*, em Nova Iorque, até o ano de 2006, é um scholar e membro sênior da faculdade do Instituto Ludwig von Mises em Auburn, Alabama, também é membro do conselho editorial para o *Journal of Libertarian Studies* e *Libertarian Papers*. Ele também é um scholar adjunto do *Abbeville Institute*. Ele é autor de dois *best-seller* do *The New York Times*: *The Politically Incorrect Guide to American History* e *Meltdown: A Free-Market Look at Why the Stock Market Collapsed, the Economy Tanked, and Government Bailouts Will Make Things Worse*. Também é autor do livro que foi um sucesso nos Estados Unidos e no mundo: *Como a Igreja Católica Construiu a Civilização Ocidental*, que teve uma tradução realizada pela Editora Quadrante aqui no Brasil.

De início, é importante sublinhar que o livro de Thomas E. Woods Jr. (2019), com o título original *The Church and the Market: A Catholic Defense of the Free Economy*, possui duas edições na língua inglesa. A primeira edição foi lançada no ano de 2005, na cidade de Lanham, no

¹ Graduado em Teologia pelo Centro Universitário - Católica de Santa Catarina - Joinville (2017). Especializado Ciências da Religião pela Faculdade de Administração, Ciências, Educação e Letras - FACEL (2017) e em História da Igreja pela Centro Universitário - Católica de Santa Catarina - Joinville (2020). Participante do LABEAM - Laboratório Blumenauense de Estudos Antigos e Medievais e membro do Grupo de Estudos Políticas de Educação na Contemporaneidade. Mestrando na área de Educação, vinculada à linha de pesquisa de Educação, Cultura e Dinâmicas Sociais da Universidade Regional de Blumenau FURB (2020-2021). Atualmente, é professor da disciplina de Ensino Religioso da Secretaria Municipal de Educação de Itajaí. Tem experiência na área de Teologia, História da Igreja e História das Religiões. E-mail: andreiroberto92@hotmail.com.

estado de Maryland, Estados Unidos da América, pela editora Lexington Books. A segunda edição foi relançada, pela mesma companhia editorial, no ano de 2015, e trouxe uma introdução de comemoração pelo décimo aniversário da primeira edição e um capítulo a mais que a primeira edição: *"The Argument Restated"*. Esta nova parte se preocupa em responder alguns questionamentos de alguns críticos.

No Brasil, a obra foi lançada no ano de 2019 em língua portuguesa, pela Editora Vide Editorial, situada na cidade de Campinas, pertencente ao estado de São Paulo. A tarefa de tradução foi realizada pela tradutora literária Giovanna Louise Libralon. Sendo assim, o trabalho de tradução dessa obra para a língua portuguesa é importante para inserir o leitor brasileiro, ou o leitor de língua portuguesa em geral, na discussão do tema entre o catolicismo e a economia de livre mercado.

Há que se ressaltar aqui um aspecto fundamental. Para o autor, a obra é uma tentativa de defender o mercado, porém, não pela via mais fácil de criticar as narrativas socialistas que anseiam por uma utopia coletivista. Em contra ponto, o autor escolheu fazer uma defesa do livre mercado para o público católico de direita, que vê a sociedade de mercado com desconfiança. Essas pessoas, segundo o autor, não são socialistas ou coletivistas, mas pessoas fiéis à Igreja que rejeitam a livre iniciativa e são favoráveis a uma vasta gama de intervenções no mercado. Por essa razão, Thomas E. Woods descreve que essas pessoas, geralmente, defendem tais intervenções porque acreditam que o ensinamento da Igreja Católica exige isso delas. Sendo assim, como católico praticante, o historiador sente uma afinidade com relação a essas pessoas, e é com base em suas preocupações, que o professor desenvolveu suas argumentações.

Ademais, o livro conta com 351 páginas, compondo, no primeiro momento, um sumário indicando a estrutura e as principais divisões da obra como: Índice remissivo, bibliografia, agradecimentos, introdução e introdução à edição de décimo aniversário. Logo em seguida, podemos observar que o conteúdo do livro é dividido em 8 capítulos que narram tópicos característicos da economia, teologia, história, sociologia e filosofia, seguindo uma cronologia. Na introdução, o autor descreve os inúmeros preconceitos que existem em favor do Estado e contra o mercado, propagados pelas lideranças das várias igrejas cristãs nas pregações e nos escritos direcionados ao povo, buscando dar ênfase às questões de "Justiça Social". Ainda apontado no item da introdução, Woods Jr. (2019) descreve que, dentro da Igreja Católica, entre os séculos XIX e XX, ocorreram as mais intensas discussões sobre economia e religião. Importantes encíclicas papais posicionaram-se, de forma contundente e com veemência, contra o marxismo e o socialismo e a favor da propriedade privada.

Nesse sentido, são citadas algumas das encíclicas papais, contextualizando-as, como por exemplo, a *Rerum Novarum* escrita pelo Papa Leão XIII, em 1891. É importante ressaltar que o Papa, nessa encíclica, condena o socialismo como um sistema incompatível com os direitos de propriedade privada e embora se abstinhasse de uma crítica igualmente indiscriminada do capitalismo, o Papa argumentou que esse sistema estava suscetível a abusos que exigiam correção. Condições de trabalho condenáveis e salários inadequados eram, talvez, os dois tópicos mais importantes que a encíclica dirigia atenção aos fiéis.

Outra encíclica, destacada pelo autor, é a *Quadragesimo Anno* escrita pelo Papa Pio XI no ano de 1931, no contexto da grande Depressão, era notadamente hostil à economia de mercado, e é possível observar um ceticismo com relação ao mercado em inúmeras outras declarações papais. Cabe ressaltar, ainda, que a encíclica do Papa João Paulo II, *Centesimus Annus* de 1991, trouxe referências favoráveis à economia de mercado, mesmo dentro da Igreja que contava com inúmeros intelectuais disseminando a hostilidade contra o mercado.

Por outro lado, o autor aponta que as discussões econômicas já foram preocupações de alguns teólogos espanhóis que desenvolveram suas contribuições para a economia moderna no contexto do século XVI, denominados escolásticos tardios, conseguindo evitar alguns dos erros em que Adam Smith teria incorrido no século XVIII. A obra de Alejandro Chafuen, *Daith and Liberty: The Economic Thought of the Late Scholastics* (2019) foi um dos principais estudos recentes citados.

Com efeito, no primeiro capítulo, Woods Jr. (2019) faz uma defesa do campo da economia, descrevendo o conflito filosófico do início da segunda metade do século XIX entre a metodologia da economia austríaca e a Escola Histórica Germânica¹. A Escola Histórica, rejeitava a ideia de uma lei econômica universalmente válida que não admitisse exceções em diferentes nações e épocas e, assim, na prática, negava a possibilidade da economia como tal. Seus pensadores rejeitavam até mesmo relações reconhecidas, como aquela entre oferta e procura. Dentro desse debate do método, Carl Menger alegou, em oposição às afirmações da Escola Histórica, que a lei econômica era algo universal e acessível à razão. Já no século XX, vamos ter o posicionamento de Ludwig von Mises, dizendo que “a economia era o ramo mais desenvolvido de uma ciência mais ampla da ação humana conhecida como praxiologia”. A praxiologia nasce de um axioma certamente incontestável: os seres humanos agem. Mises (2010) afirmava que ação humana “é uma tentativa de substituir uma situação menos satisfatória por uma mais satisfatória”.

No segundo capítulo, a preocupação do autor se desenvolve em torno dos temas de preços, salários e mão-de-obra. O autor descreve que a doutrina social da Igreja Católica, ao refletir sobre as questões de trabalho, teve uma grande preocupação com o bem-estar dos operários, entretanto, ao trazer soluções econômicas eficientes, atacou o livre mercado. Ao descrever as condições de trabalho no período da Revolução Industrial, muitos intelectuais, no final do século XIX, inclusive os meios católicos, atacaram com severidade a ascensão do sistema econômico industrial na Europa, denunciando as longas jornadas de trabalho, trabalho infantil, baixos salários, entre outros problemas. O autor vai apresentar uma série de argumentos, se fundamentando em Hayek (1954), Mises (2010) e Rothbard (2009), descrevendo que ocorreram inúmeros progressos com a organização do trabalho na Revolução Industrial. A produtividade teve um grande crescimento, os operários puderam pagar escolas para seus filhos e proporcionar uma qualidade de vida para sua família. A utilização de máquinas aumentou a produtividade, possibilitando um aumento de bens de consumo, reduzindo os valores e elevando o acesso das classes operárias aos produtos manufaturados. Na visão do autor Wood Jr. (2019), embora não haja dúvidas de que pensadores como Mises e Hayek fossem

¹ Faziam parte da Escola Histórica: Adolph Wagner, Karl Knies, Gustav Schmoller e Werner Sombart.

agnósticos, esse simples fato não faz com que sua compreensão da atuação humana deva ser ignorada ou desprezada. Assim como São Tomás de Aquino tomou por base o raciocínio filosófico do pagão Aristóteles, os católicos de hoje também podem lançar mão de uma vasta gama de fontes, em sua tentativa de compreender o funcionamento da economia.

Desse modo, no terceiro capítulo, o autor reflete sobre o dinheiro e sobre a atividade bancária. Assim, o livro vai descrever os momentos de transição com os quais o ser humano foi modificando os sistemas de trocas. Entende-se que nenhuma intervenção estatal ou do governo central foram necessários à introdução do dinheiro. Este surge pelo uso da razão humana, por meio da qual o homem foi capaz de perceber seus benefícios, quando uma *commodity* altamente negociável se torna um instrumento de troca, promovendo a drástica redução das barreiras ao comércio mutuamente vantajoso que existe em um sistema de escambo e facilitando a aquisição dos diversos bens de que ele precisa. Cabe ressaltar, que as análises do jesuíta Juan de Mariana são mencionadas no capítulo, quando nega que o rei seja o proprietário dos bens de seus súditos, que tenha o direito de exigir tributos de seu povo sem seu consentimento e que ele venha a lucrar a partir da depreciação do dinheiro.

Todavia, Woods Jr. (2019) discorre no quarto capítulo, sobre a economia e a moralidade do auxílio estrangeiro. A política de auxílio econômico a países emergentes sempre foi uma estratégia defendida por muitas instituições internacionais para acabar com a pobreza em países chamados de Terceiro Mundo. Dentro da Igreja Católica não foi diferente, muitos padres, bispos e papas fizeram exortação às políticas de transferências de recursos por meio desses auxílios estrangeiros e a programas estatais de desenvolvimento. Um grande exemplo citado por Woods Jr. (2019) foi o papa Paulo VI, com sua encíclica *Populorum Progressio* de 1967. Ao final da Guerra Fria, mais de dois trilhões de dólares, considerada a inflação, foram doados aos países de Terceiro Mundo. Porém o autor considera o auxílio estrangeiro intrinsecamente ruim, pois ele retarda o processo de crescimento econômico e acumulação de riqueza, enfraquece o efeito coordenado dos processos de mercado, direciona capital empresarial e intelectual para atividades não-produtivas e administrativas, cria uma tônica ética e moral que nega a dura tarefa da criação de riqueza. O autor cita como exemplo, o caso da Coreia do Sul, Taiwan e do Chile que, ao deixarem de receber auxílio norte-americano e, portanto, não tendo escolha, acabaram por abraçar o livre mercado e naturalmente, esses países prosperaram.

Dentro dessa perspectiva, o capítulo cinco é analisado com base na relação entre o Estado assistencial, a família e a sociedade civil. O autor vai criticar as redes de programas sociais e econômicos coletivamente conhecidos como Estado assistencial. Esses programas começaram a surgir no mundo logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, na justificativa de auxiliar os idosos, doentes e crianças. Porém, Woods Jr. (2019) vai indicar críticas a tais políticas utilizando a encíclica de João Paulo II, *Centesimus Annus* de (1991), alertando que tal burocratização da função de assistência social viola o princípio da subsidiariedade e ameaça enfraquecer o espírito de envolvimento cívico. Ainda para o autor, o Estado assistencial também equivale a uma agressão direta à família extensa, pois se o Estado em qualquer nível assume as tarefas dos familiares, ele subsidia, na prática, a ruptura e a dispersão das unidades familiares estendidas.

Outra questão é levantada pelo autor no capítulo seis, que trava um conflito com o distributismo. Alguns católicos, que se opõem à ordem de mercado, pertencem a essa escola de pensamento que foi popularizada pelos escritores Gilbert Keith Chesterton e Hillaire Belloc, no início do século XX. Muitos católicos, ao apoiar o distributismo e se opor ao livre mercado, estão agindo em favor do catolicismo e contra o liberalismo e o iluminismo. De modo geral, essa escola de pensamento afirma que a ordem do mercado introduz um nível intolerável de insegurança e ansiedade na vida econômica da pessoa comum. Eles defendem a tributação proibitiva de redes de lojas, lojas de departamentos e grandes distribuidoras, a fim de promover uma igualdade de condições para a atuação empresarial em menor escala. O que o autor pretendeu mostrar é que as supostas vantagens do distributismo, bem como as supostas injustiças do mercado, têm sido apresentadas de maneira muito exagerada.

Além disso, o historiador utiliza o sétimo capítulo para responder às críticas recebidas pelo escritor Thomas Storck, que publicou no ano de 2009 um artigo antimercado na revista *Catholic Social Science Review*. O autor Woods Jr. (2019), descreve seus argumentos sucintamente de uma forma que seus críticos não podem distorcer e mostra algumas das confusões comuns entre os críticos católicos do mercado. Segundo ele, o artigo de Thomas Storck aborda questões econômicas sem a profundidade que a questão exige. Para Woods Jr. (2019), Storck é incapaz de fazer distinções econômicas tecnicamente, pois se sente obrigado a defender a lucidez dos conselhos econômicos dos prelados católicos como se a própria fé católica dependesse disso. Ainda nisso, Woods Jr. (2019) vai afirmar que “tais detalhes técnicos, cujo Storck reconhece estar fora da competência da Igreja, determinam os freios que limitam o que as intervenções estatais na economia exigidas pelos bispos católicos, podem alcançar”.

Sendo assim, no oitavo capítulo intitulado *In omnibus, caritas*, ele encerra o livro afirmando que tentou justificar os argumentos dos católicos que defendem a ordem de livre mercado e propriedade privada. Outra coisa que os argumentos que o historiador defenderam, foi que a economia é uma ciência genuína e suas leis são vinculantes, quer gostemos delas, quer não. Ainda no capítulo oitavo, o autor aponta semelhanças entre a economia austríaca e o catolicismo, pois para ele o método austríaco de praxiologia, por exemplo, deveria ser especialmente atraente ao católico. Nesse sentido, Carl Menger, Mises e seus seguidores, buscaram estabelecer princípios econômicos com base na verdade absoluta, apreensível por meio da reflexão sobre a natureza da realidade. Esses princípios econômicos nas ciências sociais, segundo o professor Woods Jr. (2019) são compatíveis com a mentalidade católica.

Em suma, a obra do estimado autor pode auxiliar os leitores iniciantes no assunto entre Catolicismo Romano e livre mercado, como também fazer contribuições para pesquisas avançadas de especialistas na temática. Ainda podemos destacar, que a obra é um convite àqueles que desejam conhecer com maior clareza a Escola Austríaca de Economia, pois o autor apresenta uma série de obras dos principais teóricos que influenciaram essa Escola. A linguagem empregada na narrativa é de fácil compreensão, facilitando o processo de interpretação das motivações que impulsionaram as discussões econômicas dentro das instituições religiosas. Possui notas explicativas, e na parte final, conta com inúmeras indicações de bibliografias específicas sobre o tema de história, economia, catolicismo romano, filosofia e Escola Austríaca de Economia.

Referências

CHAFUEN, Alejandro A. **Fé e Liberdade: o pensamento econômico da escolástica tardia**. São Paulo: LVM Editora, 2019.

HAYEK, Friedrich A. **Capitalism and the Historians**. Chicago: University of Chicago Press, 1954.

MISES, Ludwig von. **Ação humana**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010.

ROTHBARD, Murray N. **Man, Economy and State**. Auburn: Ludwig von Mises Institute, 2009.

WOODS JR, Thomas E. **Como a Igreja Católica construiu a civilização ocidental**. São Paulo: Quadrante, 2008.

RECEBIDO: 20 DE JANEIRO DE 2021.

APROVADO: 04 DE FEVEREIRO DE 2021.